

Huysmans registra o curso de vida futuro de Durtal, bem como o seu próprio, em três romances subsequentes, *En Route*, *La Cathédrale* e *L'Oblat*. Esses livros, como *Là Bas*, dificilmente poderiam ser classificados como romances; contam pormenorizadamente como Durtal percorreu o caminho para o seio da Igreja — ele termina como oblato beneditino —, com extensas discussões sobre a teologia medieval e as vidas dos santos. O leitor não consegue sentir que os problemas de Durtal se resolveram, porque o catolicismo não representa a solução. Durtal é criatura dividida, infeliz e totalmente insatisfeita com a vida que leva e com ele mesmo. É um anseio de evolução que o move — o desejo de atingir a “extremidade violeta” do espectro da consciência —, e ele fracassa.

Na Sala de Leitura do Museu Britânico vi, muitas vezes, um homem de 36 ou 37 anos, casaco marrom de belbuté, rosto sombrio e expressão decidida, corpo atlético, que parecia, antes que lhe soubesse o nome ou conhecesse a natureza de seus estudos, personagem de um romance. Logo fui apresentado a ele (...). Chamava-se Liddell Mathers, mas dentro de pouco tempo, com o toque do ‘Movimento Celta’, tomara-se MacGregor Mathers e, em seguida, apenas MacGregor. Era o autor de *The Kabbalah Unveiled*, e dedicava-se apenas a dois estudos — a magia e a teoria da guerra, pois acreditava-se comandante nato, e em tudo semelhante, em sabedoria e poder, àquele velho judeu. Já copiara muitos manuscritos sobre o cerimonial e a doutrina da magia no Museu Britânico, e ainda copiara muitos outros nas bibliotecas do continente, e foi principalmente por seu intermédio que comecei a realizar certos estudos e experiências, que me convenceriam de que as imagens brotam na imaginação vindas de uma fonte mais profunda do que a memória consciente ou inconsciente. Creio que, naquele tempo, sua mente não destoava do corpo e da face — embora mais tarde seu porte se tornasse desengonçado, como o de Don Quixote —, pois ele erguia a cabeça com orgulho entre tanta pobreza. Uma pessoa que com ele praticava boxe à noite me contou que durante muitos anos conseguiu batê-lo, embora Mathers fosse mais forte, e que só muito mais tarde veio a saber que durante aquelas semanas Mathers nada comia.

Fiz a longa citação de Yeats porque o retrato de Mathers contém todos os elementos essenciais do mago. Nele estão a pobreza, a mola propulsora da força de vontade, o obscuro sentido de fatalidade, o romantismo que o faz mudar o nome de Liddell para MacGregor. É tentador afirmar que

nervos. Na sexta-feira passada, a senhorita voltou das compras e o encontrou enforcado, pendurado na balastrada (...) — Ele me contou de um pesadelo que lhe abalara os nervos. Contou que sonhara com um homem crucificado de cabeça para baixo num campo. — Não é necessário salientar o paralelo com Boullan.

nasceu na época errada, um aventureiro que considerava o século XIX domesticado demais; porém, posto que Agrippa e Paracelso, como já vimos, não tiveram melhor sorte, esse argumento não se mantém. O “velho judeu” a que Yeats se refere é Ahasuerus, o Judeu Errante. Yeats deixou-se fascinar pelo trecho de Percy B. Shelley, em *Hellas*, que descreve o velho judeu vivendo “numa cavidade submarina, entre os Demonesi”, e tornou-se teosofista, associando-se ao círculo de Dublin, que se reunia ao redor de George Russel (A. E.) — “porque haviam afirmado a real existência do Judeu”. A idéia de um super-homem solitário, dotado de poder e sabedoria, sobre-humanos, constitui enorme atração para aqueles que, como Yeats, detestam a época em que vivem.

Mathers apresentou Yeats a um pequeno grupo de cabalistas cristãos denominado *Os Estudiosos do Hermetismo*, e logo depois resolveu denominar-se “Ordem da Aurora Dourada”. Em tom de mistério, Mathers falava de um mestre desconhecido que lhe dera as instruções para encontrar os Estudiosos do Hermetismo — talvez o próprio Saint-Germain. O mais provável é que Mathers tenha sido rosacruz, e que um companheiro de seita, Dr. William Woodman, lhe tenha solicitado que interpretasse um manuscrito que adquirira na Farringdon Road. Era um ritual de cerimônia mágica, e mencionava uma sociedade mágica alemã. Mathers, Woodman e um Dr. Wyn Westcott, o magistrado de Londres, escreveram para a sociedade alemã e receberam uma carta de privilégio que lhes permitiu fundar seu próprio grupo. Mathers, dono de características ditatoriais por natureza, acabou sendo líder primeiro e único. Segundo John Symonds, a ordem da Alemanha parece ter sofrido influência de Madame Blavatsky, pois acreditava em mestres sagrados do Tibete.*

A Aurora Dourada possuía lojas em Edimburgo, Paris, Londres e Weston-super-Mare. Mathers dizia ter contato com os “chefes principais” de Paris, e sua autoridade cresceu com a descoberta, na Bibliothéque de L’Arsenal, de um livro de magia intitulado *The Book of Sacred Magic of Abra-Melin the Mage*, impresso em 1458.

Mathers tornou-se conservador de um museu particular pertencente a Frederick J. Horniman, em 1890; mas no ano seguinte desentendeu-se com o patrão e foi demitido. A filha de Horniman, Annie Horniman, estabeleceu para ele um estipêndio de 443 libras por ano, e ele mudou-se para Paris. Sua esposa, a filha do filósofo Bergson, também era “vidente”. Ele deixou a atriz Florence Farr encarregada da Ordem, e começou a realizar “Ritos Egípcios” em Paris — chegou mesmo a alugar o Teatro Bodinière, cobrando ingresso para vê-los. (Não está claro se esses ritos tinham qualquer relação com os de Cagliostro, mas é provável.) Tudo indica que tenha deixado Florence Farr

* Embora em *Confessions*, de Crowley, seja mais provável que os “chefes secretos” fossem magos alemães, sendo um deles, sem dúvida alguma, um francês de ascendência escocesa.